

Índice da Construção Civil sobe 1,04% em abril, aponta FGV

Dados mostram pressão nos preços do concreto, PVC, cimento, aço e aluguel de máquinas.

O custo da construção civil voltou a subir em abril no país. O Índice Nacional de Custo da Construção – Mercado (INCC-M), divulgado pela Fundação Getulio Vargas (FGV), subiu 1,04% no mês, após alta de 0,36% em março. Em abril do ano passado, a variação havia sido de 0,59%. Com o resultado, o indicador acumula elevação de 2,39% em 2026 e avanço de 6,28% em 12 meses. Apesar da aceleração mensal, o acumulado anualizado ficou abaixo dos 7,52% registrados no mesmo período de 2025.

Materiais e Equipamentos

O movimento de abril foi impulsionado principalmente pelo grupo Materiais, Equipamentos e Serviços, que passou de alta de 0,27% em março para 1,35% neste mês. Dentro desse conjunto, a categoria Materiais e Equipamentos avançou 1,40%, após subir 0,28% no levanta-

mento anterior. O resultado indica intensificação dos reajustes em insumos usados diretamente nas obras e na execução de empreendimentos residenciais, comerciais e de infraestrutura.

De acordo com a FGV, três dos quatro subgrupos de Materiais e Equipamentos registraram aceleração. O principal destaque foi em materiais para estrutura, onde a taxa saiu de 0,17% para 1,82% entre março e abril. O desempenho mostra a pressão em itens ligados às etapas centrais da construção, especialmente fundação, sustentação e estruturação dos empreendimentos.

Serviços

No grupo Serviços, a alta passou de 0,24% para 0,97% no período. O avanço foi influenciado pelo item aluguel de máquinas e equipamentos, que saiu de 0,05% para 1,87%. O resultado mostra aumento de custos operacionais nos canteiros de obras, como em ativi-



Apesar da alta em abril, taxa está 6,28% em 12 meses, abaixo dos 7,52% registrados em 2025.

dades que dependem de locação de equipamentos pesados, transporte interno e apoio mecanizado.

Mão de Obra

A Mão de Obra também apresentou aceleração em abril. A taxa subiu 0,61%, acima dos 0,47% registrados em março. No acumulado do ano, o grupo avança 2,53%. Em 12 meses, a alta chega a 8,71%, a maior entre os três grandes segmentos pesquisados pelo índice. O resultado mantém a pressão salarial como um dos principais componentes de custo do setor.

Regiões

Todas as sete cidades que compõem o índice apresentaram avanço em suas taxas de variação em abril, segundo a FGV. Salvador liderou o ranking mensal, com alta de 2,03%, seguida por Porto Alegre, com 1,23%, e Rio de Janeiro, com 1,13%. Salvador soma 3,77% no

ano e Porto Alegre, 6,88% em 12 meses. O Rio de Janeiro registra alta acumulada de 1,89% no ano e 5,13% em 12 meses.

São Paulo registrou aumento de 0,91% no mês. No acumulado do ano, a capital paulista sobe 2,13%. Em 12 meses, a alta alcança 7,08%, a maior entre todas as cidades pesquisadas. Brasília teve avanço mensal de 0,86% e taxa acumulada de 6,31% em 12 meses. Belo Horizonte subiu 0,82% em abril e 3,56% no ano. Recife avançou 0,77% no mês e acumula 6,01% em 12 meses.

Itens em alta

Entre os itens com maior influência positiva no índice de abril, a massa de concreto avançou 4,39%, após alta de 0,10% em março. Tubos e conexões de PVC subiram 5,11%, revertendo a queda de 0,05% observada no mês anterior. Blocos de concreto aumentaram 1,48%, enquanto o

cimento Portland comum teve elevação de 3,02%. Vergalhões e arames de aço ao carbono registraram alta de 0,91%.

Itens mais baratos

Os materiais para sistema de exaustão caíram 0,59%, após recuo de 0,25% em março. Mármore e granito trabalhados também apresentaram retração, com variação de -0,11%, depois de alta de 0,85% no mês anterior.

Sobre o Índice

Criado em 1985, o INCC sucedeu o antigo Índice da Construção Civil (ICC), cuja série histórica remonta a 1944 e foi o primeiro indicador oficial de custos da construção civil no país. O INCC-M é calculado com base em preços coletados entre os dias 21 do mês anterior e 20 do mês de referência. A próxima divulgação, com dados captados entre 21 de abril e 20 de maio, está prevista para 26 de maio.

Contas externas pioram em março, mas Brasil mantém reservas e capital estrangeiro

As contas externas do Brasil pioraram em março, mas ainda sem sinal de risco imediato para a economia. Dados divulgados pelo Banco Central mostram déficit em transações correntes de US\$ 6 bilhões (R\$ 30 bi) no mês, acima do resultado negativo de US\$ 2,9 bilhões (R\$ 14,5 bilhões) registrado em março de 2025. Mesmo com a piora, o país segue amparado por reservas internacionais elevadas e pela entrada de investimento estrangeiro direto. Esses valores consideram cotação aproximada de R\$ 5,00 do dólar.

Nos 12 meses encerrados em março, o déficit em transações correntes somou US\$ 64,3 bilhões (R\$ 321,5 bilhões), o equivalente a 2,71% do Produto Interno Bruto (PIB). O nível ainda é considerado administrável, principalmente porque o Brasil continua recebendo

recursos externos de longo prazo. A principal mudança em relação ao ano passado veio da balança comercial. O saldo positivo de bens caiu de US\$ 7,2 bilhões (R\$ 36 bilhões) para US\$ 5,6 bilhões (R\$ 28 bilhões). As exportações cresceram 9,5%, chegando a US\$ 31,7 bilhões (R\$ 158,5 bilhões), mas as importações avançaram ainda mais, 19,9%, e somaram US\$ 26,1 bilhões (R\$ 130,5 bilhões).

Também pesaram no resultado os gastos com serviços. O déficit nessa conta subiu para US\$ 4,8 bilhões (R\$ 24 bilhões), puxado por maiores despesas com viagens internacionais, tecnologia, transporte e uso de propriedade intelectual.

Outro fator de pressão foi a conta de renda primária, que inclui remessas de lucros, dividendos e juros ao exterior. O déficit chegou a



Dados foram divulgados pelo Presidente do BC, Gabriel Galípolo

US\$ 7,4 bilhões (R\$ 37 bilhões) em março, acima dos US\$ 6,3 bilhões (R\$ 31,5 bilhões) de um ano antes. Apesar disso, o investimento direto no país continuou forte. Entraram US\$ 6 bilhões (R\$ 30 bilhões)

em março e US\$ 75,7 bilhões (R\$ 378,5 bilhões) no acumulado de 12 meses, o equivalente a 3,18% do PIB. Como esse valor supera o déficit externo, o país depende menos de capital de curto prazo.

Reservas internacionais

As reservas internacionais fecharam março em US\$ 362 bilhões (R\$ 1,81 trilhão), mesmo após queda no mês. Esse volume é visto como uma proteção importante em momentos de instabilidade no câmbio ou no mercado global.

Para o professor de Economia do Ibmec Brasília, Renan Silva, essa piora no cenário externo merece atenção, mas ainda não configura um risco imediato para a economia brasileira. “O déficit em transações correntes praticamente dobrou em relação ao ano anterior porque as importações cresceram mais do que as exportações, e porque houve um aumento significativo tanto nos gastos com serviços quanto nas remessas de lucros para o exterior. E que esse movimento está ligado ao ciclo global” - explicou.